

*Quando nasceu, ele era um bebê perfeito.
Contudo, Barry não viria a ser normal*

Abra sua prisão!

ARCHIE HILL

E STÁVAMOS assistindo a um programa de televisão sobre as crianças vítimas da talidomida quando minha mulher disse: «Quem dera que Barry fosse vítima da talidomida; seria 90% melhor do que é.» Sua serena observação atingiu-me em cheio e perturbou meu espírito. Eu podia ter chorado sangue. De fato, Barry (meu enteado, de 29 anos, nascido do primeiro casamento de minha mulher) é quase 100% excepcional, física e mentalmente.

Não consegue andar, falar, ir ao banheiro ou fazer seja o que for sozinho. Minha mulher ainda tem de lavá-lo como se fosse um bebê. Às vezes, seus olhos brilham de inteligência, mas seu corpo está cada vez mais inútil. Surpreende-me que um corpo assim tenha mantido a chama da vida por tanto tempo.

Todas as manhãs se repete o lento ritual de tirar-lhe o pijama. Essa é uma operação que Barry não gosta que os outros façam por ele, mas seus olhos nos dizem que confia em nós. Talvez sinta afeto em nossas mãos. Segundo meus cálculos, mi-

nha mulher, nestes 29 anos, já lhe mudou 35 mil fraldas. Há seis anos descobriu que existiam fraldas de papel e isso, para ela, significou a felicidade. Cortamos os sapatos de Barry para termos certeza de que seus dedos não ficam dobrados; se isso acontecesse, ele sentiria dores o dia inteiro, mas não conseguiria nos dizer. Ele não é pesado para o levantarmos (tem apenas 32kg), mas, por vezes, sofre convulsões e poderíamos deixá-lo cair. Quatro ou cinco vezes por dia tem de ser alimentado; cada refeição pode levar uma hora, porque ele tem dificuldade de engolir.

Há 29 anos está encerrado em sua inútil prisão de carne, sem sinais externos que indiquem se seu cérebro funciona. Espero que não, porque, se funcionar, Barry deve sentir-se um solitário – um naufrago, isolado numa pequenina ilha aflorando de um mar tenebroso. Apesar de tudo, existe um íntimo laço de vida entre mãe e filho, um profundo e fechado mundo de amor. Eu também o amo, exatamente como se ele fosse minha carne e meu próprio sangue.

Recentemente, foi operado e lhe removeram da virilha um tumor que se verificou ser canceroso. Por isso, agora, passamos dia após dia esperando a hora em que irá morrer. Quando fiquei sabendo que era câncer, não pude ver qualquer «desígnio de Deus» naquilo que estava acontecendo com Barry e com minha mulher; apenas maldade e rancor de Deus. Mas minha mulher acredita em Deus. «Deus o amará», disse ela. Isso irritou-me, pois mais me parecia ser Barry um número apagado no quadro-negro de Deus, e que, durante todos aqueles tristes anos, minha mulher tinha sido condenada a percorrer uma terrível e inútil estrada sem fim. Espero que ele tenha uma morte rápida e sem sofrimento, que o leve rápido, de vez, apagando sua chama.

Mas como é que vamos dizer ao nosso filho mais novo que seu irmão está morrendo? Minha mulher e eu temos outro filho, Robin, com 14 anos.

Quando viemos morar aqui e Robin passou a ir à escola, ele parecia solitário e tristonho, sem amigos de sua idade. Comecei a pensar no assunto e descobri que a razão era seu irmão, que fica grande parte do tempo sentado numa cadeira de rodas, indiferente a tudo. As crianças que passavam, a caminho ou de volta da escola, viam-no ali, e ouvi uma delas dizer que Barry era «um manequim». Essa era a razão por que Robin não conseguia fazer amigos; seu irmão aleijado era o obstáculo.

Deveríamos, então, manter Barry afastado da vista das crianças que passavam? Se fosse esse o caso, por que não ir mais longe e acorrentar Barry à parede, na adega, e dar-lhe uma cama de palha para dormir? Em vez disso, fui à escola de meu filho mais novo e projetei para as crianças *slides* de pessoas deficientes segregadas da sociedade. Expliquei o que era ser deficiente, e perguntei-lhes que é que fariam se tivessem alguém assim em sua rua. «Bem, meu senhor», disseram, «talvez batêssemos à porta e perguntássemos à dona da casa se queria que a ajudássemos. Se podíamos levá-lo para passear.»

Minha idéia deu resultado. Robin tem agora muitos amigos e traz para casa seus companheiros mais chegados, a fim de fazerem juntos suas refeições ou mesmo passarem fins de semana. Eles aceitam Barry tal como ele é – um ser humano desfavorecido pelo destino. Esse período, porém, foi difícil.

Apesar dos 15 anos de diferença entre eles, Robin, em todos os aspectos de seu desenvolvimento, é agora «mais velho» que Barry. Ele podia ter crescido e lamentar seu irmão – ter vergonha dele. Do mesmo modo, minha mulher e eu poderíamos ter lançado responsabilidades sobre ele, como a de tomar conta de Barry, mas, desde a hora em que Rob nasceu, nós sabíamos que Barry era da nossa responsabilidade, e não da dele. O que ele faz por Barry não é uma obrigação, e ele sente prazer em fazê-lo.

Há pouco tempo, fiquei por trás da cadeira de rodas de Barry, na sala de frente, e tentei descobrir o que ele era capaz de ver. Seus músculos do pescoço, ineficientes, não lhe permitiam rodar a cabeça mais do que 30 graus. Ele podia ver pessoas e objetos que passassem defronte de seus olhos, mas não conseguia segui-los e tirar alguma conclusão. Donas-de-casa, com suas sacolas de compras, passavam na rua para cima e para baixo. Depois de ter ficado longas horas à janela, ele conhecia muitas de vista e murmurava saudações que elas não conseguiam ouvir. Convenci uma ou duas a olharem para cima, a sorrirem para ele, a acenarem, mas as transeuntes iam absortas demais com seus problemas. Eram simples imagens instantâneas no limitado campo visual de Barry – cada uma delas isolada, sem qualquer seqüência, finalidade ou relação mútua.

Barry tinha nascido um lindo bebê, perfeito e bem constituído – uma criança de cabelos escuros, com uns olhos castanhos que sorriam para todo mundo. Mas essa perfeição em miniatura em breve revelou estar incubando uma horrenda imperfeição. «Ele nunca irá andar, falar ou fazer seja o que for por si próprio», disse o médico a minha mulher quando o menino tinha 11 meses. «Ponha-o de parte, esqueça-o e arranje outro.»

Apesar disso, minha mulher ficou com ele, e, fazendo isso, renunciou à maior parte de sua própria vida, tornando-a uma extensão da

de seu filho. Ela, inclusive, todos os anos planta o jardim de maneira que as flores cresçam com a altura própria para que ele as possa ver, de sua cadeira de rodas, quando ela o leva a passeio. Ele compreende isso? Sabe apreciar? Eu nem sei.

Em seu íntimo, minha mulher não é dominada por exigências de uma obrigação, mas por amor – um amor tão fecundo que não é possível descrevê-lo. Eu nunca tinha visto um amor assim. Nós conhecemos amor-próprio, amor arrogante, amor interesseiro, amor dependente. Conhecemos amor fugaz e amor esplendoroso. Muitas destas formas de amor são boas e válidas, mas há diferentes graus de amor, e o mais profundo de todos é o mundo enclausurado de amor entre uma mãe e um filho inválido – uma criança arrancada em dor de seu ventre.

Se eu amo Robin mais do que Barry? Talvez, mas acho que não. Robin é um menino que corre para mim, feliz, quando chego em casa – a jovial união entre pai e filho. Com Barry, eu é que tenho de aproximar-me, inclinar-me para ele, ajudá-lo e, muitas vezes, fazer o que seus braços e pernas não podem. Eu consigo penetrar na vida de Robin e compartilhar dela, mas, com Barry, apenas posso conjecturar sobre o que vai dentro de seu espírito. Eu nem sei se ele está sozinho ali, mas, às vezes, vejo em seus sonhos uma profunda e penetrante vivacidade me fitando, e dou por mim quase que esperando ouvi-lo falar.

Umas noites atrás, embrulhei-o num cobertor, levei-o até o pátio dos fundos e deixei que ele contemplasse o céu. Nunca tinha pensado em fazer isso antes. Quis proporcionar-lhe uma nova experiência, encher-lhe o espírito de maravilhosa felicidade. Subitamente, coisas a que eu nunca tinha prestado muita atenção, como a lua e as estrelas no firmamento, pareciam envoltas em magia.

Sentado com ele no pátio, senti como que um estranho mistério: uma explicação de como me tinha tornado *eu mesmo*, de como milhões de microscópicos espermatozóides haviam sido enviados para uma longa e árdua jornada. Se um homem quisesse fazer uma viagem parecida, teria de atravessar o Saara a pé, nadar 15km contra uma forte correnteza, escalar os Alpes e depois caminhar até o meio da Sibéria — tudo isso sem parar, sem pausa ou descanso. Se, entre esses milhões de espermatozóides, algum que não fosse o meu tivesse penetrado no óvulo, eu não teria nascido. Olhei para Barry e fiquei estupefato ao imaginar que o espermatozóide que lhe deu origem tinha conseguido completar a viagem.

De súbito, ocorreu-me que a finalidade da vida (de Barry ou minha) não era importante. O milagre estava na jornada do espermatozóide que tinha dado vida a um ser. Contemplando as estrelas com Barry, compreendi que ambos somos realmente parte de um mesmíssimo sistema.

De Barry, aprendi coisas que nunca poderia ter aprendido da Bíblia ou de púlpitos de igrejas. Apreciarei sempre a confiança e o afeto que ele tem por mim. Sempre me lembrarei da maneira como seus olhos se iluminavam quando eu caminhava lentamente para ele.

Perguntei a minha mulher que devia eu fazer quando Barry morresse. «Participe a poucos parentes», respondeu, «e é melhor cremá-lo. Não posso imaginar que ele seja levado para debaixo da terra. Por isso, abra sua prisão. Deixe-o esvoaçar livre e cavalgar o vento, até que suas cinzas voltem a pou-sar. Talvez no ano que vem, na primavera, ele esteja alimentando as flores.»

Penso em certos anos passados que perdi e em pessoas que terei ofendido, e me avalio pelos 29 anos de Barry. Sei que sua vida foi das mais puras. Tudo nele exala bondade. Ele não conheceu ódio, malícia, ganância ou despeito. Agora, quando o egoísmo e a autocomiseração começam a envenenar-me, eu penso em Barry, e, na sua invalidez, descubro uma força me invadindo. Então, não procuro inquirir a «vontade de Deus», mas depositar minha confiança na natureza e compreender que este sentimento de profundo desgosto não é mais do que momentânea hesitação humana no limiar de um intenso, sereno e intencional desconhecido. Pensando dessa maneira aqui exposta, eu quase atinjo aquela paz que suplanta o entendimento. ▲

66 Entre Aspas 99

NUMA DISCUSSÃO, o mais difícil não é defender um ponto de vista, mas entendê-lo.

– André Maurois

OS PAIS nunca dão o devido valor aos professores, a não ser quando chove o fim de semana inteiro.

– Elizabeth Barret Browning

MILAGRES às vezes acontecem, mas a gente tem que trabalhar duro para isso.

– Chaim Weizmann

BEIJAR é um meio de pôr as pessoas tão perto uma da outra que não possam ver nenhum defeito um no outro.

– G. Y.

SE não tentássemos tanto ser felizes poderíamos nos divertir à beça.

– Edith Wharton

APRUMO é aquela qualidade que faz você comprar um par de sapatos sem parecer preocupar-se com o buraco da meia.

– R. B.

QUANDO a economia se torna suficientemente importante, vira política.

– P. G. P.

PREFIRO, a qualquer oração, o silêncio da igreja antes de começar o serviço religioso.

– Ralph Waldo Emerson

SEGredo é uma coisa que você conta a alguém, porque não pode guardá-la para si, pedindo que não a transmita a ninguém.

– A. O.

MORTE e impostos são duas coisas que vão nos seguir até o fim da vida; mas, pelo menos, a primeira não é nada que possa ainda piorar.

– Los Angeles Times Syndicate

MOSTRE-ME um homem de cabeça erguida e eu lhe mostrarei alguém que não consegue acostumar-se com lentes bifocais.

– M. T. N.

NÃO importa o que aconteça; há sempre alguém que já sabia que ia acontecer.

– L. S.

TODOS os começos são difíceis, principalmente o começo do fim.

– Zarco Petan, em *Neue Zürcher Zeitung*. Suíça